

## JORNAL FOLHA ABERTA<sup>1</sup>

Gabriela Castilho Marques de CARVALHO<sup>2</sup>

Igor José Siquieri SAVENHAGO<sup>3</sup>

Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, SP

### RESUMO

A proposta deste paper é apresentar o projeto “Jornal Folha Aberta”, desenvolvido no segundo semestre de 2011 pelos alunos do quarto semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá, em Ribeirão Preto/SP, como parte das atividades da disciplina “Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística”. O jornal tem como meta ser um produto voltado, exclusivamente, ao público jovem universitário, já que não existe, na região de Ribeirão Preto, que recebe, todos os anos, milhares de estudantes em busca de formação profissional – só a cidade de Ribeirão Preto tem oito instituições de ensino superior – nenhuma publicação voltada especificamente a esse público. Para o desenvolvimento do projeto, os alunos envolvidos utilizaram uma linguagem mais despojada, solta, visando aproximar a publicação do universo do público-alvo.

**Palavras-chave:** ensino superior; linguagem; jornalismo impresso; público jovem; universitário.

### 1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em jornalismo impresso, fala-se também, no Brasil, em formatos que servem como padrão para sua produção. A maioria dos jornais impressos do país é confeccionada nos formatos *standard* (com tamanho de página 56 cm x 32 cm), *tabloide* (em que a página mede 28 cm x 32 cm) e *berliner*, chamado também de germânico (com a

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornalismo Digital (Avulso).

<sup>2</sup> Aluna-líder e estudante do 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: gabriela\_castilho@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, e-mail: tatigor.sav@gmail.com

página medindo 47 cm por 31,5 cm). A linguagem das reportagens também se assemelha muito de um jornal para outro. Geralmente, se tem a ideia de que o texto deve seguir sempre um modelo. Os manuais de redação de grandes jornais, como Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, acabam impondo aos universitários uma forma de escrever, já que os estudantes que almejam trabalhar em veículos impressos ao término do curso tomam esses jornais como exemplos a serem seguidos para o sucesso na carreira. Dificilmente, os jornais impressos arriscam, ousam, propõem uma linguagem diferente a das quais estamos habituados.

Esse padrão expande-se para outros veículos de comunicação que priorizam a escrita, como revistas e *sites* de notícias. As plataformas jornalísticas digitais também pouco saem do lugar comum quando o assunto é o texto, reproduzindo, na *Internet*, o jeito de escrever que se consolidou no jornal impresso.

Silva (2010), no artigo “A Linguagem do Jornal Impresso e a Cultura do Leitor”, faz uma série de questionamentos a respeito da linguagem utilizada pelo jornalismo no Brasil. A autora pergunta, por exemplo, se “a linguagem dos conteúdos jornalísticos tal qual é verificada nos jornais de papel reflete, de fato, o público leitor da notícia impressa”? E, ainda, se “a linguagem contribuiu para a ampliação da cultura de quem lê jornal?”. (SILVA, 2010, p. 1)

A partir dessas questões, ela passa a refletir sobre como adequar a linguagem do texto jornalístico visando atingir as demandas do público-alvo. Inicialmente, observa que os textos de jornais impressos são construídos, geralmente, levando-se em conta uma linguagem média, em que se evitam termos considerados chulos ou rebuscados e priorizam palavras que possam ser compreendidas pela maior parte do público, inclusive pelos leitores que tenham um “baixo grau de escolaridade” (SILVA, 2010, p. 4). Essa forma de estruturar o texto faz com que haja uma uniformidade nos jornais, ou seja, a linguagem quase não se diferencia de um veículo impresso para outro.

Para Castro e Galeano (2002), essa estratégia adotada pelos jornais ajuda a deseducar. Para eles, seria mais interessante que impressos colaborassem no processo de educação do leitor, que é contínuo – não termina quando ele sai da escola – e não oferecer, apenas, uma linguagem que não acrescenta conhecimento.

Silva (2010) concorda e complementa esta visão:

Não parece genuíno que o jornal de papel assuma a posição de reproduzir o já produzido pelas outras mídias, remetendo as informações impressas às margens da repetição, da continuidade e da retroatividade. Se a matéria não é mais notícia, então, levar ao leitor meramente às respostas do *lead* jornalístico parece manter-se alheio às necessidades de atualização e aprendizado do público leitor. Do mesmo modo, o jornalista posiciona-se, assim, em lugar aquém do que lhe é cabido enquanto editor de comunicação, haja vista a simplicidade do texto jornalístico tal qual é verificado na imprensa.

Se a TV digital é realidade e o webjornalismo transborda em qualquer objeto conectado à rede, a transposição da linguagem engessada dos impressos para formatos que apenas saiam do trivial pode significar a satisfação das necessidades do consumidor de notícias escritas que, inevitavelmente, está se adequando às novas tecnologias (ou prepara-se por tal inspiração). (SILVA, 2010, p. 6)

E reforça, com os seguintes dizeres:

Escrever de maneira clara e direta não deve significar encher de frases pobres e desprovidas de conhecimento as páginas do jornal impresso; estimular a elaboração na transmissão da mensagem é, comprovadamente, ter coerência na relação entre a imprensa e a sociedade. Utilizar linguagem mais inteligente nos jornais impressos é ir ao encontro da Comunicação Social e do respeito à gama léxica da Língua Portuguesa. (SILVA, 2010, p. 7).

Para Wolf (1987), a produção do texto jornalístico segue regras mercadológicas, para que reproduzam o discurso dominante numa sociedade. A padronização, nesse caso, é uma forma de garantir a circulação de determinados discursos em detrimento de outros, para que a ordem vigente seja mantida. Sendo assim, o mercado de trabalho não é espaço para experimentações, mas de consolidação da lógica do sistema, que consiste na produção em série para garantir a venda do produto.

Lopes (2010), no artigo “Jornalismo e linguagem jornalística: Revisão conceptual de base bibliográfica”, reafirma essa questão, ao dizer que o jornalismo se configura como um “sistema produtivo de mensagens, caracterizado pela produção maciça e difusão rápida das mesmas, para um público vasto, heterogêneo, anônimo, disperso, com recurso a técnicas mais ou menos estereotipadas, dependentes de uma organização industrial” (LOPES, 2010, p. 4).

Diante do que foi exposto até o momento, seria possível pensar um jornal com um formato diferente dos usados como padrões e que adota uma linguagem voltada a um público específico? Na universidade, que abre espaço para experimentações, diferente do mercado, que trabalha com a lógica do capital, é possível acreditar. E foi isso que a turma

de alunos do quarto semestre de 2011 do curso de Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá, em Ribeirão Preto, procurou fazer com esse projeto, o Jornal Folha Aberta.

## **2 OBJETIVO**

O primeiro objetivo do projeto foi elaborar um produto com características de um jornal impresso, mas que fosse divulgado numa plataforma digital, na *Internet*. Os alunos entenderam que, como a universidade é um espaço para experimentar e desenvolver produções diferentes das valorizadas pela óptica mercadológica, seria possível criar um jornal sustentável, tanto do ponto de vista econômico, já que não representaria custo de impressão, quanto ambiental, para evitar o consumo de papel. A proposta aparece, inclusive, na contracapa do jornal, em que está estampada uma campanha em prol da reciclagem e da reutilização de materiais.

Outro objetivo é que produto fosse voltado, exclusivamente, ao público universitário, com temas pertinentes ao universo do jovem que busca uma formação superior, e com um formato também diferenciado em relação às publicações impressas que estamos acostumados a ver. O tamanho da página é o de uma folha A4, com 21 cm de largura por 29,7 cm de altura, medidas aproximadas as de uma folha de caderno. Para os alunos que eventualmente ainda não estão habituados a ler numa plataforma digital e que queiram imprimir as páginas do jornal, poderá transportá-las facilmente entre seus materiais escolares: dentro de uma pasta ou até mesmo do meio do próprio caderno.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A razão principal para a criação do Jornal Folha Aberta é a notável falta, na região de Ribeirão Preto, de materiais direcionados aos interesses dos estudantes universitários. Inevitavelmente, uma redação produzirá conteúdos relacionados, mas não voltados a um público específico, tendo em vista que a meta de um jornal impresso é atingir todos os tipos de leitores, produzindo, dessa forma, matérias abrangentes que não se direcionem a um ponto exclusivo.

Embora alguns jornais tenham sessões voltadas ao entretenimento, geralmente centradas nos cadernos de cultura, as opções são limitadas. Produzido exclusivamente por estudantes universitários, a não ser pela orientação e acompanhamento de um professor, o

Jornal Folha Aberta buscou temas pouco abordados, ou abordados superficialmente no dia a dia: os estudantes-repórteres analisaram a pressão de um Trabalho de Conclusão de Curso com a aflição de quem está passando pela situação, e não apenas com o olhar do repórter formado que superou essa fase e, atualmente, tem outra visão do assunto.

Quem melhor para expor as dificuldades de uma gravidez não planejada na metade do curso do que a estudante que está prestes a perder o direito de continuar sendo uma jovem garota para se transformar precocemente em mãe? Quem abordaria de forma mais clara e sucinta o que realmente acontece em uma noite de festa, e os resultados de atitudes inconsequentes, do que o próprio universitário, que semanalmente frequenta bares e festas? O Folha Aberta constitui-se então como um jornal com características de impresso em plataforma digital, redigido por universitários e voltado ao público também universitário. Uma oportunidade para que o universitário converse diretamente com seus pares.

Além do que foi citado acima, o curso de jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá é noturno e grande parte dos alunos trabalha durante o dia, o que dificulta o contato com a rotina e com a experiência de quem produz um jornal impresso. A criação desse jornal universitário foi uma alternativa para que os alunos tivessem contato com a produção de um jornal, experiência que possibilitou, ainda, uma visão e produção diferenciada do material. Com uma linguagem despojada, algo que dificilmente será possível no mercado de trabalho, como foi visto na Introdução, os alunos foram capazes de criar textos com uma linguagem próxima a que seu público-alvo usa no cotidiano.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

As reportagens foram produzidas no segundo semestre de 2011, pelos alunos do quarto ano do curso de Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá, em Ribeirão Preto/SP. As reuniões de pauta foram realizadas durante as aulas da disciplina “Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística”, ministrada pelo professor e orientador deste trabalho Igor José Siquieri Savenhago. Os temas foram sugeridos pelos próprios alunos, que tiveram o acompanhamento do professor na definição do foco de cada reportagem e na escrita e finalização dos textos.

Os laboratórios de informática da Unidade Independência da Barão de Mauá, onde funciona o curso de Jornalismo, também foram utilizados durante as aulas dessa disciplina

para a produção dos textos, que foram entregues segundo cronograma definido pelo professor.

A maior parte das fotografias para ilustração de cada reportagem foi feita pelos próprios alunos, que utilizaram suas próprias câmeras fotográficas ou algumas emprestadas pelo Centro Universitário. O restante das imagens foi conseguido junto a arquivos pessoais das fontes, bancos de imagens na *Internet* e fotos de divulgação.

Os alunos se reuniram com o professor para decidir o formato do jornal e quais seriam as características do projeto gráfico, executadas, após a conclusão de todos os textos e do material fotográfico, pelo *designer* profissional Jefferson Ricardo Orlandi da Silva, que aceitou não cobrar pelo serviço, tendo em vista a característica sustentável do projeto e considerando que apenas colocou em prática as sugestões dos alunos, não interferindo na criação do *layout* do jornal.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O Jornal Folha Aberta foi desenvolvido com 20 páginas, sendo 16 em preto e branco e quatro coloridas (capa e contracapa, além das duas páginas centrais). O tamanho das páginas é o mesmo de uma folha A4 (21 cm de largura por 29,7 cm de altura), para permitir que o aluno que ainda não se acostumou a ler jornal em plataforma digital e queira imprimir as páginas possa transportá-las no meio de seu material escolar, conforme mencionado anteriormente.

O jornal foi montado seguindo as características de um jornal impresso, mas os alunos, juntamente com o professor, decidiram divulgá-lo apenas em plataforma digital, *online*, por causa das condições já expostas nesse *paper*. A plataforma escolhida foi o Issuu, um programa na *Internet* especializado na divulgação de criações gráficas em PDF, como jornais, revistas e catálogos. Para visualizar todo o conteúdo do Folha Aberta, basta acessar o link [www.issuu.com/jornalfolhaaberta](http://www.issuu.com/jornalfolhaaberta).

Participaram do desenvolvimento do jornal os 14 alunos que compunham, no segundo semestre de 2011, a turma da disciplina “Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística”, ministrada, pela grade curricular do Centro Universitário Barão de Mauá, a estudantes do quarto semestre do curso de Jornalismo. Foram eles: Brunno Moraes, Calebe Tosatti, Camila Ruiz, Fernando Belezine, Gabriel Carmello Caldas, Gabriela

Castilho, Heloísa Zaruh, Ícaro Ferracini, Jherssyka Rosa, Leonardo José, Lígia Dalboni, Patrícia Pinto, Samuel Leite e Victor Prates.

O Folha Aberta contou, ainda, com a colaboração dos alunos Laion Trevizani (que cursava, na época, o 7º semestre de Jornalismo), Bruno Silva (jornalista profissional), Gabriela Sant’Anna (estudante de Jornalismo no Rio de Janeiro e que colaborou com parte da reportagem de capa) e Jean Guelre (aluno do 3º semestre de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Barão de Mauá), que desenvolveu um cartum que está na página 2 do jornal.

Além da capa, que destaca a luta dos estudantes universitários para o desenvolvimento do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), reportagem sobre um assunto pertinente aos alunos da grande maioria dos cursos superiores, e da contracapa, que traz uma campanha em prol da reciclagem e da reutilização de materiais, o jornal é composto por duas páginas de opinião (a 2, que traz o Editorial, um artigo opinativo e um cartum, e a 3, com mais um artigo opinativo e o Expediente) e 16 páginas de reportagem, que são entremeadas com a seção Vida de Bixo, que aparece três vezes na publicação para abordar assuntos curiosos relacionados ao dia a dia dos universitários.

O nome do jornal, dado por um dos alunos, Fernando Belezine, faz referência a essa abertura proposta pelo jornal, de focar em temas que, geralmente, não teriam espaço em publicações impressas do mercado, de permitir uma linguagem mais despojada, próxima do cotidiano do público-alvo, e de promover experimentações no formato do jornal.

As cores predominantes no jornal são o verde e o roxo. O verde por remeter a uma das cores predominantes do Centro Universitário Barão de Mauá e o roxo, por ser geralmente pouco utilizada em jornais, promovendo um contraste com o verde e ajudando a definir a proposta de um jornal diferente, inovador e ousado, que aposta em opções com pouco espaço no mercado.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Nesta primeira edição, os estudantes responsáveis pela elaboração do Folha Aberta, que agora em 2012 frequentem o 5º semestre do curso, experimentaram escrever com uma gestão livre e independente, sem compromisso com qualquer vínculo político ou comercial. Também foi possível vivenciar os desafios de entrevistar desconhecidos e até mesmo de

lidar com pautas que não deram certo e, por esse motivo, tiveram de ser substituídas, experiências típicas do trabalho do jornalista.

A liberdade para utilizar uma linguagem informal e próxima da falada pelos jovens foi uma forma de perceber que, no jornalismo, são permitidos espaços para a ousadia, para a experimentação. Pelo menos na universidade, já que o mercado vive atrelado a padrões que garantem a produção em série da informação e o conseqüente lucro com sua venda. Com o Folha Aberta, foi possível, também, aos alunos não se prenderem na famosa pirâmide invertida e, com isso, elaborarem textos mais descontraídos, evitando cansar o leitor e, ao mesmo tempo, despertar a curiosidade dele para os temas abordados.

Com os bons resultados alcançados na primeira edição, tanto na visão dos alunos como do professor responsável pelo projeto, o Folha Aberta continuará a ser posto em prática, como um produto experimental fixo para o quarto semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário Barão de Mauá, com o intuito, sempre, de explorar a criatividade dos estudantes e, com isso, que eles consigam, com os textos, atingir duas missões conjuntas: transmitir informações e propiciar uma leitura prazerosa.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Gustavo de; GALEANO, Alex. **Jornalismo e literatura**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

LOPES, Paula Cristina. **Jornalismo e linguagem jornalística: Revisão conceitual de base bibliográfica**. 2010. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lobes-linguagem.pdf>. Último acesso em 24 de abril de 2012.

SILVA, Tássia Búrigo e. **A linguagem do jornal impresso e a cultura do leitor**. 2010. Disponível em [http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/artigos2010/tassia\\_burigo.pdf](http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/artigos2010/tassia_burigo.pdf). Último acesso em 25 de abril de 2012.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1987.